



de nós a resolução dos problemas sociais... É claro que o que estiver em nosso alcance, devemos fazer, mas o principal papel da igreja de Cristo é pregar as boas-novas da Salvação; a vida eterna com Jesus...

- Até agora, tudo o que tenho feito, é com recursos próprios. Claro, o braço forte do Senhor está à frente, mas... Eu preciso de melhorar a vida dessas pessoas... Desculpe, mãe... - continua - Eu sei que Deus está comigo e tudo vai se resolver... Parece que acordei com a fé meio abalada, hoje... Perdoe-me Jesus! diz ele levando as mãos ao peito.

Pr. Emanuel havia recebido uma herança há dois anos. Uma tia-avó deixara para ele uma grande casa, de dez quartos, na avenida principal de Vila Prateada. Como sua vida já estava estruturada, junto com sua esposa e filho, conhecendo o coração de Sávio e as intenções que ele tinha de ajudar as pessoas carentes, fez-lhe uma surpresa. Sávio tornara-se o proprietário daquela grande casa. Com a ajuda dos pais e amigos, conseguira montar uma estrutura para que pudesse levar pessoas a morar lá. Nascia, então, a Casa Braços Abertos de Auxílio aos Carentes. Há cinco anos Sávio havia se formado em Medicina e, com o dinheiro que recebia de seus ricos pacientes, investia a maior parte na Casa.

- Mãe, - diz Sávio - Mudando de assunto... Esta noite sonhei novamente aquela coisa estranha...

- O sonho do Hotel, de novo? - pergunta Dona Adriana.

- É... É sempre a mesma coisa... Eu estou no alto daquele prédio, onde a senhora passou a lua-de-mel com o pai... Estou com os braços abertos, olhando para cima e, sei lá, parece que eu estou xingando Jesus...

- Que coisa, filho... Você é um homem de Deus e jamaisalaria qualquer coisa para desagradar ao nosso Senhor. - responde ela - Eu não queria dizer isto, mas... Foi lá que fiquei grávida de você... Hoje é um prédio abandonado. Saiu no jornal dia desses, que uma pessoa foi atingida por um tijolo solto do Hotel. O governo de São Paulo está querendo demoli-lo, mas os responsáveis não estão interessados em gastar dinheiro com os explosivos... Disseram que nem se importa se ele cair por si... Na época, teu pai pediu para que eu escolhesse: ou viajaríamos, ou passaríamos a lua-de-mel por aqui, mesmo. O Noel havia ganhado uma semana, na cobertura, por conta do Hotel Best-Line. Como você me conhece e sabe como sou econômica, Sávio, resolvi guardar o dinheiro. Poderíamos viajar outra ocasião. Porém, com o trabalho na igreja, acabou não sobrando tempo, ainda.

- O gerente era o Sr. Osmar, na época, não era? - pergunta Sávio.

- Sim, - responde Dona Adriana - Ele era um ótimo administrador. Quem imaginava que depois se tornaria esse prefeito tão irresponsável... Teu pai sente-se ainda um pouco constrangido por tê-lo apoiado. Muitos irmãos saíram da igreja por causa disso... Brrrr! Ui!!

- O que foi, mamãe? - pergunta Sávio.

- Nada não... Às vezes sinto um calafrio, quando estou falando do Osmar... - responde ela.

- Ainda bem que o Ygor não puxou o pai, não é, mãe? Mesmo sendo filho do prefeito, está lá, nos ajudando diariamente na Casa.

- Ele é um jovem muito bom. Espero que continue assim. - diz Dona Adriana, pensativa - Falando em jovens, a Karen, ligou de novo...

- É mesmo, mãe? - indaga Sávio, enquanto saboreava as iguarias que sua mãe havia preparado.

- Sabe, filho... Tem alguma coisa na voz dessa moça... Eu não consigo me sentir a vontade, conversando com ela... Eu sei que entre vocês há assuntos relacionados à Casa, mas... Por favor, querido, não se envolva com ela... - diz Dona Adriana.

- Me envolver com a Karen, mãe? Imagina? Não tenho tempo nem pra mim... A Karen é só uma empresária que quer colaborar com a Casa. Estive pensando muito em começar a pedir ajuda aos empresários da região, porque se depender da Prefeitura, coitadas dessas vidas! - diz Sávio - Quando chegar na clínica eu ligo novamente para ela.

Toca o telefone. Dona Adriana atende:

- Alô? Sim, Ygor. Só um momentinho. - diz chamando o filho - É pra você Sávio.

Sávio, limpando a boca num guardanapo, atende o amigo:

- Fala, Ygor! Tudo na paz? Fala um pouco mais alto que o barulho aqui está demais...

- "Sávio, por favor, eu gostaria que você desse uma passadinha aqui, antes de ir para a clínica... É que a Ana teve que faltar e a Alaíde não está conseguindo convencer aquela senhora que você trouxe semana passada, a deixá-la aplicar o remédio."

- Claro, Ygor. Já estou indo. Fala para a Alaíde ir atender outras pessoas. Essa Dona Carmem é uma figura! Coitada da Alaíde! Ah! Ah!

Desligando o telefone, Sávio pega sua pasta no sofá e, despedindo-se de sua mãe, dirige-se à porta. Quando estava para abri-la, ouve a campainha. Então, rapidamente Sávio a atende.

- Pois não? Em que posso ajudá-lo? - diz Sávio.

- Oi! Eu sou um dos funcionários da Prefeitura... Estamos fazendo um barulhão aí, não é? Desculpe nosso incômodo, mas é para o bem da comunidade... - diz um trabalhador de macacão azul, segurando um capacete.

- Sim, claro. - diz Sávio - Mas...?

- Será que o senhor poderia encher minha garrafa d'água? - diz o homem - Sem querer incomodar... É que o calor está de rachar os canos...

Sávio convida o trabalhador para entrar. Na cozinha explica-se para Dona Adriana, que vai até o rapaz. Enquanto Sávio lavava e enchia a garrafa, sua mãe fazia sala para o funcionário da prefeitura. Sávio sabia o quanto Dona Adriana gostava de evangelizar e, então, fazia questão de deixar a água geladinha entrar bem devagarinho na garrafa. Olhando de longe, vê que sua mãe não perdia tempo. Estava com a Bíblia aberta, falando de Deus para aquela alma. Sávio, então, senta-se numa cadeira e começa a interceder. O amor pelas pessoas inundava seu espírito. Após alguns minutos, vai de encontro ao evangelizado.

- Aqui está, amigo. Desculpe a demora. É que eu sei o quanto minha mãe gosta de fazer novas amizades. Espero que o que ela tenha lhe dito seja proveitoso!

- Ó... Não tenho nem palavras... Agora mesmo fui pedir água ali no mercadinho e o sujeito me mandou pedir pro prefeito... Mas vocês são diferentes... Gostei muito de ouvir sua mãe... O mundo inteiro precisa ouvir essas palavras que alegram o coração da gente! - diz o rapaz.

- Você gostaria de fazer algum pedido de oração? - pergunta Sávio, abraçado com sua mãe.

- Olha, se não for incômodo. Eu queria que vocês orassem por mim. É que estou com este trabalho temporário e logo meu contrato se acaba...

- Claro, claro... Vamos orar já! Qual é o seu nome? - pergunta Sávio.

- É Jefferson, filho. Eu já havia perguntado. - diz Dona Adriana.

- É! - complementa o rapaz.

Dona Adriana, de mãos dadas ao seu filho, que também estende a mão para Jefferson, começa a oração. Ao término, Jefferson agradece e despede-se dos dois. Sávio, olhando para sua mãe, diz:

- É incrível como nos faz bem falar de Deus!

- É verdade, filho! Falar com Deus também é maravilhoso! - diz Dona Adriana.

Sávio, olhando para o relógio, diz novamente:

- Xi, mãe! É melhor eu correr! Tenho pacientes para ser atendidos agora e ainda tenho que passar na Casa! Tchau, mãe! Bom dia pra senhora! - e lhe dá um beijo no rosto.

Sávio retira seu carro da garagem e parte em direção à sua clínica. No caminho, ainda próximo a sua casa, vê passeando pela calçada, a irmã Olídia e sua filha, Alciléia.

- Ei irmã Olídia! - diz Sávio, buzinando - Vocês duas estão indo para a cidade?

- Estamos, Sávio! - responde ela.

Alciléia era uma moça muito bela. Seu coração palpitava mais rápido quando se encontrava com Sávio, mas era uma jovem que sabia esperar em Deus a resolução de sua vida sentimental. Ficava corada quando estava próxima ao filho do pastor de sua igreja.

- Vocês querem uma carona? - diz Sávio, estacionando o carro próximo delas.

- Ora, Sávio, não se incomode... Gostamos de andar a pé, mesmo... - diz Alciléia.

- Quê isso, filha... - diz irmã Olídia, já abrindo a porta do veículo - Vamos aproveitar a gentileza desse rapaz!

Alciléia ficava mais corada ainda, com a atitude de sua mãe.

- Venha, Léia. Entre aí, vai! Deixa de ser tímida! - diz Sávio.

- Está bem... Mas não precisava... - diz Alciléia, constrangida.

Quando estavam próximos da Casa Braços Abertos, Sávio vê uma aglomeração de pessoas na rua.

- O que será que está acontecendo ali? - pergunta ele.

Adolescentes e alguns adultos ficavam jogando coisas numa senhora que tentava se defender xingando-os e correndo atrás dos que estavam mais próximos dela. A cena era revoltante. Sávio, comovido com aquilo, desce do carro e grita:

- Ei, vocês! Parem com isso! Deixem essa senhora em paz!

Dona Olídia e Alciléia ficavam olhando, dentro do carro. Sávio continuava:

- Vocês não tem vergonha? Saiam, antes que eu chamo a polícia!

As pessoas começam a se afastar. Muitos deles conheciam Sávio. Já o haviam visto nos jornais e televisão local. Sabiam que seu pai fora um sargento muito respeitado e tinha o capitão da polícia como um dos melhores amigos. Alguém se aproxima de Sávio e diz:

- É só uma louca... Quem se importa com ela?

Sávio virando-se para ver quem falava com ele, responde:

- Louco, meu amigo... Louco é todo aquele que não quer aceitar Jesus como Salvador... Ele sim, importa-se com todas as pessoas...

- Ah, qualé... - diz o adolescente, virando-se e indo embora, deixando cair uma bola de meias, que possivelmente estava se divertindo atirando naquela pobre senhora.

Sávio olhava aquela mulher com ternura. Ela estava com roupas sujas e com certeza, com muita fome. De repente, Sávio pergunta, estendendo-lhe a mão:

- Não tenha medo, senhora. Estou aqui para ajudá-la. Gostaria de vir comigo?

Ela só dizia algumas palavras:

- Filho... Meu filho... Quero meu filho... Você achou meu filho??

Sávio percebia o quanto ela estava alienada. Aparentava uns 50 anos.

Alciléia resolve descer do carro e aproxima-se de Sávio.

- Quer ajuda, Sávio? - pergunta ela.

- Eu gostaria de poder ajudar essa senhora, mas ela não está em estado normal... - responde Sávio.

- Deixa eu tentar... - diz Alciléia.

Estendendo a mão para aquela mulher, que estava de cócoras, encolhida, Alciléia pergunta:

- Senhora, não se preocupe. Há um lugar quente e com boa comida preparada para senhora. Vamos conosco, me dê sua mão...

Ela, com um olhar triste e ao mesmo tempo surpresa, também estende a mão para Alciléia. Ambas caminham juntas para o carro de Sávio.

- Meu filho... Meu filho... - continuava ela, andando.

CONTINUA...